

A LITERATURA PARA BEBÊS COMO DIREITO E ESPAÇO DE VÍNCULO ENTRE MÃE E BEBÊ

*LITERATURE FOR BABIES AS A RIGHT AS WELL AS
A SPACE FOR MOTHER AND CHILD BONDING*

Daniela Padilha

Doutoranda em Educação e Saúde (UNIFESP)
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3758186997730616>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4921-5665>
Email: daniela.padilha@unifesp.br

Flávia Cristiane Kolchraiber

Doutora em Ciências (UNIFESP)
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2796532986120006>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0686-9092>
Email: flavia@ibeac.org.br

Bruno Pereira da Silva

Pós-doutor em Saúde Pública (UNICAMP)
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2690396185362639>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5825-7402>

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir sobre o bebê [0 to 3 anos de idade] como sujeito de direito, a importância da relação mãe e bebê para a estruturação psíquica do bebê, assim como o acesso ao livro de literatura como espaço de conexão e diálogo entre ambos. Para isso, foram analisadas obras de autores nacionais de literatura para bebês que os consideram em sua integralidade, contrapondo as considerações sobre os livros de literatura para bebês contidas no Programa Nacional do Livro Didático Literário 2022. Conclui-se que a literatura para bebês tem impacto positivo para o desenvolvimento dos bebês, que os mesmos são seres de direito inseridos e produtores de cultura e o acesso à literatura deve ser garantido e fomentado pelas políticas públicas, a partir das leis já instituídas no Brasil.

Palavras-chave: Relação mãe e bebê. Literatura infantil. Apego ao objeto. Bebês.

Abstract: This article aims to discuss babies [0 to 3 years-old] as a subject of law and the relevance of the relationship mother-baby. It also presents the access to literary books as a connection and dialogue space for both mother and child. This was achieved through the analysis of the work of different Brazilian authors of Early Years literature who consider their integrality in opposition to what has been considered as books of Early Years Literature in the Programa Nacional do Livro Didático Literário 2022 [Textbook National Literary 2022 Programme]. The outcome is that early years Literature has a positive impact to the development of babies and that they are subjects of law, not only being inserted in the culture but also producing it, therefore the access to literature must be guaranteed and fed by public policy in Brazil.

Keywords: Mother-child relations. Children literature. Object attachment. Toddlers.

Introdução

A discussão se existe uma literatura para bebê ou se são livros preparatórios para alfabetização frequentemente volta à tona. Nos últimos anos, a visão utilitarista dos livros para bebês e crianças pequenas, como degrau para a alfabetização, ganhou novamente espaço a partir do Edital do Programa Nacional do Livro Didático Literário, de 2022 (PNLD 2022), para aquisição e distribuição de livros para as crianças das escolas públicas do país. O olhar a respeito do tipo de livro oferecido aos bebês diz muito sobre a forma que se enxerga o bebê e a criança pequena, como uma fase transitória para outra e não em suas potencialidades como sujeitos. Neste artigo, defendemos o acesso à cultura para o bebê, estando a literatura entre ela, como direito garantido pela Constituição de 1988: “A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis”, juntamente com “[...] o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização [...], proporcionando infância plena, base para o seu desenvolvimento” (Brasil, 1988).

O Brasil possui importantes documentos legais, como o Marco Legal da Primeira Infância de 2016 e a recente Lei número 14.826, de 2024. Esta, institui a parentalidade positiva e o direito ao brincar como forma de prevenção à violência contra as crianças, transformando em lei a evidência científica que expor crianças a situações que promovam o bem-estar e o vínculo refletem por toda a vida, assim como expô-las à violência e à violação dos direitos implicam em sequelas socioemocionais.

Fazer valer os pactos legais que respeitam as infâncias em suas integralidades se faz relevante diante do desmonte político e cultural ao qual o país foi submetido na gestão 2019-2022, o que garantirá o oferecimento de literatura de qualidade para os bebês. Neste artigo apresentaremos o bebê como ser de direito, a importância da relação mãe¹ e bebê para a estruturação psíquica do bebê, assim como o acesso ao livro de literatura como espaço de conexão e diálogo entre ambos, seu impacto positivo para o desenvolvimento do bebê e suas potencialidades. Por último, analisaremos obras de autores nacionais de literatura para bebês que o consideram em suas potencialidades. Espera-se, assim, retomar a discussão sobre a importância das políticas públicas para acesso ao livro de literatura para bebês, entendendo-o como sujeito social e de direitos e produtor de cultura, em um país de grande proporção territorial e diversidade social como o Brasil.

O bebê como um ser de direitos

Nas últimas décadas, pesquisas de diversas áreas e interesses, como, a educação (Correia, 2017, 2021, 2023; Colomer 2003, 2007; Cursino 2023), a antropologia (Sarmiento, 2023; Friedman, 2013) e até a economia (Heckman, 2008) comprovaram a importância do investimento, cuidado e acesso à literatura desde a gestação até os três primeiros anos de vida, a chamada Primeiríssima Infância.

Os três primeiros anos de vida de um bebê são de extrema importância para ele e para a sociedade, pois é nesse período que boa parte da formação psíquica é formada, ou seja, a capacidade que essa pessoa terá de se relacionar e conviver na vida adulta é estabelecida nesse tempo, com base nas experiências vividas. Este período é tão importante que até mesmo a economia se voltou a ele - em 2000, James Heckman ganhou o Prêmio Nobel de Economia ao comprovar que a cada um dólar investido nesse período da infância se tem o maior retorno financeiro a longo prazo (Heckman, 2008). No entanto, nos interessa refletir sobre a potência dessa fase inicial da vida não apenas como preparatória para outra, mas do bebê como cidadão e com direitos, como à leitura e à literatura, o que o insere em sua cultura e permite a construção do seu mundo simbólico, e não apenas como um potencial futuro, sem, é claro, cindir com os necessários investimentos em sua

1 Neste texto, referimo-nos à mãe como adulto de referência, dada a sua importância e implicações no desenvolvimento infantil, vínculos primários e, ainda, neste primeiro momento da vida, por ser a pessoa, em geral, que mais se ocupa dos cuidados com o bebê. Ainda, segundo a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2020), a mãe é a segunda pessoa que mais influencia o hábito de um leitor (a primeira é a professora).

proteção, desenvolvimento e implicações sociais. Assim, entendemos o bebê como uma fase que é parte da vida das crianças, que são plurais e sujeitas culturais, ou seja, que produzem culturas e vivenciam suas infâncias diversas, com marcadores como questões sociais, políticas, culturais e econômicas.

Em seu célebre texto *O Direito à Literatura* (Candido, 2011, p. 176), o professor, sociólogo e crítico literário Antonio Candido apresenta a relação da literatura com os direitos humanos. Entendendo a literatura como criações poéticas, ficcionais ou dramáticos em todos os níveis da sociedade e das culturas, do até as complexas produções, Candido diz que não há sociedade capaz de viver sem algum tipo de fabulação e, até mesmo, independentemente da nossa vontade, o sonho cumpre essa função. Nesse sentido amplo que elucida a literatura, esta estaria como uma necessidade universal e, portanto, constituída como um direito humano.

Para a pesquisadora colombiana Yolanda Reyes² (2005, tradução nossa),

A leitura e a escrita constituem-se como ferramentas privilegiadas de participação democrática, já que favorecem a expressão das ideias, do desenvolvimento do pensamento crítico e da formação do critério. Por isso, formar leitores é muito mais do que alfabetizar, no sentido básico e instrumental em si, e deve constituir-se em pilar do exercício pleno da cidadania. Dentro desses paradigmas, a leitura e a escrita deixam de ser um luxo para minorias e adquire o status de direitos que devem ser garantidos a todos os cidadãos em igualdade de condições para favorecer a equidade, desde o começo da vida.

Quando falamos de literatura para bebês, esta pode ser oral, como os brincos, os acalantos, parlendas, cantigas de roda, ou a apresentada no suporte livro. Diferente de outros mamíferos, que já nascem com aparato físico para sobreviver, o bebê humano depende integralmente dos cuidados físicos de um adulto. No entanto, além destes, o bebê precisa de linguagem, do diálogo estabelecido com ele, de contato humano, de pele, para existir. O psicanalista e pediatra inglês Donald Woods Winnicott (2020) apresenta que no início da vida o bebê, além das necessidades do corpo, da alimentação, possui as necessidades sutis, que só podem ser satisfeitas com o contato com o humano. Para atender a essas necessidades, a mãe, nas semanas ou meses que seguem ao nascimento, entra numa fase de fusão com o bebê, em que a mãe é o bebê e o bebê é a mãe. Ela possui uma identificação muito íntima e sofisticada de comunicação com o bebê, sem deixar, claro, de ser a mãe. Já para o bebê, a mãe é parte dele, pois não existe ainda nada além dele (Winnicott, 2020, p. 26). O bebê, assim, se estabelece a partir do outro, não só de como esse outro cuida das suas necessidades físicas, mas a partir do diálogo que estabelece com ele, da forma como o segura, o que lhe dá segurança física e psíquica.

As relações vinculares entre mãe e bebê são as bases e as primeiras que darão confiabilidade ao bebê no mundo e que constituem os alicerces de sua saúde mental, estabelecida antes do nascimento. Winnicott (2020) apresenta, para o início da vida, quatro formas de uma espécie de comunicação silenciosa entre a mãe e o bebê. Na primeira, é uma comunicação física, dada com o movimento da respiração da mãe, o calor do seu hálito, seu cheiro, a temperatura do seu corpo, ao ritmo da batida do coração, este já conhecido desde a gestação. Um exemplo é o ninar de um bebê, adaptado para cada momento, a cada bebê. Segundo Winnicott, essa comunicação se dá em termos de reciprocidade na experiência física. Uma segunda seria o que ele chama de brincar, mas não no sentido que temos da ação, mas como uma área em comum onde os dois, mãe e bebê, entendem-se de uma forma particular e única, num símbolo de confiança entre si e onde nascem

2 La lectura y la escritura se constituyen en herramientas privilegiadas de participación democrática, ya que favorecen la expresión de las ideas, el desarrollo del pensamiento y la formación del criterio. Por ello, formar lectores es mucho más que alfabetizar, en el sentido básico e instrumental del término, y debe constituirse en pilar del ejercicio pleno de la ciudadanía. Dentro de este paradigma, la lectura y la escritura dejan de ser un lujo para minorías ilustradas y adquieren el estatus de derechos que deben garantizarse a todos los ciudadanos en igualdad de condiciones para favorecer la equidad, desde el comienzo de la vida.

“a afeição e o prazer pela experiência”. A terceira forma de comunicação silenciosa seria o uso que o bebê faz do rosto da mãe, como um protótipo de um espelho, onde o bebê vê a si mesmo, pensando que são fusionados. A quarta seria a disposição e entendimento que a mãe tem do que o bebê necessita, antes mesmo de ele manifestar seu desejo. Essa comunicação inicial do bebê com a mãe e da mãe com o bebê, como seres fusionados, é o que o insere no mundo da linguagem e proporciona sua primeira leitura.

Por leitura, Reyes diz tratar-se de mais do que um mero conjunto de habilidades sequenciais e, além de um ato passivo de saber o que diz o texto, trata-se de um complexo processo de diálogo e negociação de sentidos, em que se comunicam um autor, um texto, verbal ou não verbal, e um leitor, com toda a sua bagagem de experiências, de motivações, atitudes, perguntas, em seu contexto social e cultural (Reyes, 2005).

Para a pesquisadora Maria Emília López (2018), a leitura não está apenas relacionada à aprendizagem formal, mas também como um fator constitutivo do psiquismo, da capacidade de pensar, de se relacionar e imaginar o mundo. Ainda, os avanços das investigações das últimas décadas mostram a enorme capacidade do bebê para a recepção da linguagem, além dos bons efeitos do encontro e comunicação entre ele e o adulto que lhe dá a palavra dos contos, dos jogos, da melodia.

A leitura neste primeiro momento da vida é a que produz sentidos, relações interpretativas e diálogo, pois precisa do outro para se constituir, a partir do empréstimo da voz, do colo, do contato, da troca de olhares, de calores, de respiração, fundamentais para a sobrevivência do bebê. Tratamos, assim, a leitura como um procedimento processual, que não se inicia ou se encerra com a alfabetização e decodificação das letras, mas se estende por toda a vida.

Ao final do quarto mês de gestação, o bebê possui capacidade de ouvir e identificar, entre outros sons, a voz materna. Assim, ao nascer, é a voz da mãe o primeiro som familiar que o bebê busca, como segurança de algo reconhecido. Para o pesquisador Evelio Cabrejo-Parra (2001), a mãe é o primeiro livro que o bebê lerá. Essa capacidade do bebê de manejar as informações ligadas ao som para fazer emergir sentido é o movimento do pensamento e é esta capacidade que coloca o bebê como sujeito entre as subjetividades. O reconhecimento do rosto da mãe é uma mobilização da sua atividade psíquica, pois, segundo Parra, não se trata de apenas uma boca, um nariz e dois olhos, mas um livro que permanentemente envia informações que o bebê interpreta e lê a cada instante. Para o pesquisador, é possível falar da leitura antes da escrita porque o bebê, ao ler a voz e o rosto da mãe, coloca em movimento a capacidade interpretativa que permanecerá no centro da criação de sentido para a psique humana, permitindo dizer que, de certa forma, o ato da leitura está na origem da atividade do pensamento.

Essa leitura da mãe lhe dá a sensação de previsibilidade e confiança no mundo, como um espaço sensível de comunicação que apenas estes dois encontram, onde já existe interpretação. Para Beatriz Sanjuán (2023), o olhar e o abraço formam a primeira leitura que as mães oferecem ao bebê, que aprende a ser e a ler a partir dessa relação mãe-bebê, e completa:

O bebê já nasce preparado para esse exercício de interpretação e apropriação do mundo. Seu músculo mais potente é aquele que lhe permite sugar o peito materno. Sua faixa de visão é exatamente a que cobre a distância entre ele e os olhos de quem o alimenta.

Entendemos, assim, que a literatura para bebês, assim como a existência do bebê, se dá a partir do outro, da mãe ou adulto de referência, que permite por meio dos cuidados físicos e da comunicação sensível, corporal e por meio da voz e encontro, o contato com a subjetividade.

Dessa forma, ao falar de literatura para bebês naturalmente é preciso falar do outro, da mãe, adulto de referência, que é a voz literária e o primeiro livro do bebê (Sanjuán, 2023), base para a entrada do bebê no mundo simbólico e da linguagem. O bem-estar da mãe se relaciona com o bem-estar do bebê e, para exercer o direito à leitura literária é necessário acolher esta mãe, garantindo o acesso aos seus direitos básicos, como saúde, moradia, alimentação, lazer, incluindo a literatura.

Diálogo por meio da leitura do livro de literatura

O livro de literatura para bebês apresenta elementos textuais narrativos (palavra e/ou imagem) que possibilitam diferentes camadas de leitura, incluindo o bebê como leitor, mas não excluindo outros leitores. Entendendo que a leitura do livro de literatura para bebês se dá entre duas pessoas, mãe e bebê, entendemos que o mesmo deve conter elementos que envolva esses dois leitores, o leitor adulto e o leitor bebê, como o estético, o espaço para o diálogo e para as subjetividades.

Segundo Monica Correa Baptista (2017),

[...] para que os comportamentos iniciais dos bebês com a experiência literária se perpetuem, é essencial que a linguagem literária seja compreendida como arte. O apreço pela língua e a curiosidade de desvendar seus mistérios precisam se materializar em encontros desinteressados e afetivos com a linguagem. Encontros esses que contribuirão para que as crianças percebam que a linguagem pode servir para regular, dar ordens e satisfazer as necessidades cotidianas. Mas que há também uma linguagem que não está a serviço de nenhuma necessidade imediata, que não exige nada em troca e, por ser assim, nada tem de supérflua e exerce a função determinante de nos humanizar.

No quadro abaixo, retirado do edital do PNLD Literário 2022, percebemos a concepção do livro para bebês como um objeto que não considera as potencialidades do bebê e, mesmo o chamando de literário, aproximando-se mais de concepções de um livro didático.

Figura 1. Categorias das obras literárias do edital PNLD 2022

Categoria de inscrição	Especificação de uso	Qualidade das imagens e ilustrações	Especificações sobre texto e ilustrações por página	Processos e habilidades gerais enfatizados	Processos e habilidades específicos enfatizados
Creche I	Para manuseio dos bebês	Ilustrações vivas, atrativas e adequadas, ficcionais ou não, claras, precisas, não dando margem à ambiguidade na identificação de personagens, objetos e cenários retratados, com cores fortes e contrastantes, altamente correlacionadas ao texto.	Livro sem ênfase em palavras, podendo: 1) ser livro de imagens; ou 2) trazer letras, números e palavras simples para familiarização; ou 3) trazer de uma só palavra a uma frase curta, com a ilustração representativa da palavra ou frase.	Familiarização da criança com livros e textos escritos; estimulação da imaginação; contato com a forma escrita; enriquecimento do vocabulário receptivo e expressivo das crianças; aprimoramento da linguagem oral e da consciência fonológica; descrição, pela criança, de atributos de ilustrações e personagens ou de seqüências lógicas de acontecimentos; associação, pela criança, da leitura a uma atividade prazerosa.	Estimulação visual e motora; nomeação de objetos, personagens e lugares.
	Para que o professor leia para os bebês		Livro contendo: 1) predominância de ilustrações; e 2) textos de poucas palavras por página com histórias simples.		Estimulação visual e auditiva; familiarização da criança com textos orais; nomeação de objetos, personagens e lugares.
Creche II	Para manuseio de crianças bem pequenas		Livro contendo: 1) até uma linha de texto por página, com repetição do padrão de linguagem e conteúdo aproximadamente de três a seis palavras; 2) frases simples e previsíveis, escritas em ritmo e métrica atraentes e interessantes; e 3) vocabulário familiar às crianças	Familiarização da criança com livros e textos escritos; estimulação da imaginação; contato com a forma escrita; enriquecimento do vocabulário receptivo e expressivo das crianças; aprimoramento da linguagem oral e da consciência fonológica; descrição, pela criança, de atributos de ilustrações e personagens ou de seqüências lógicas de acontecimentos; associação, pela criança, da leitura a uma atividade prazerosa.	Estimulação visual e motora; prática da direcionalidade horizontal da linguagem escrita; e familiarização da criança com textos escritos.
	Para que o professor leia para crianças bem pequenas		Livro contendo: 1) predominância de ilustrações; e 2) textos curtos, com poucas frases por página, com histórias simples e envolventes, como fábulas, parênteses, rimas, quadrinhas, trava-línguas, adaptados de textos consagrados e outros.		Estimulação visual e auditiva; familiarização da criança com textos orais.
Pré-escola	Para manuseio de crianças pequenas		Livro contendo: 1) de duas a cinco linhas de texto por página, contendo uma ou duas frases; 2) frases com muitos substantivos e adjetivos, escritas em ritmo e métrica atraentes e interessantes; e 3) vocabulário, em grande parte, familiar às crianças, com inclusão gradativa de novas palavras.	Familiarização da criança com livros e textos escritos; estimulação da imaginação; contato com a forma escrita; enriquecimento do vocabulário receptivo e expressivo das crianças; aprimoramento da linguagem oral e da consciência fonológica; descrição, pela criança, de atributos de ilustrações e personagens ou de seqüências lógicas de acontecimentos; associação, pela criança, da leitura a uma atividade prazerosa.	Estimulação visual e motora; prática da direcionalidade horizontal e vertical da linguagem escrita; familiarização da criança com textos escritos.
	Para que o professor leia para crianças pequenas		Livro contendo: 1) predominância de ilustrações; e 2) textos curtos, com duas ou mais frases, com histórias simples e envolventes, como fábulas, parênteses, rimas, quadrinhas, trava-línguas adaptados de textos consagrados e outros.		Estimulação visual e auditiva; familiarização da criança com textos orais.

Fonte: As autoras (2025)

Ora, a partir do momento em que se analisa um livro de literatura considerando a quantidade de palavras por páginas, com histórias simples, vocabulário familiar, ilustrações vivas, atrativas e adequadas, ficcionais ou não, claras, precisas, não dando margem à ambiguidade na identificação de personagens, objetos e cenários retratados, com cores fortes e contrastantes, altamente correlacionadas ao texto, estamos em oposição às discussões atuais sobre as potências do livro de literatura infantil.

A interação leitora entre a mãe e o bebê abre um diálogo das experiências de mundo de cada um, onde cada leitor conta a sua história para o outro a partir do que a narrativa o provoca, o seu modo de estar no mundo. Mas isso só acontecerá a partir de um livro de literatura que tenha elementos que permitam a apreciação estética, às ambiguidades e diferentes maneiras de apresentar o mundo, que abra para o diálogo e não o limite. A literatura não é feita por quantidade de palavras, mas por narrativas que dialogam com o leitor. A literatura infantil pressupõe o leitor e o diálogo literário.

Leite (2014) fala da linguagem factual, usada na linguagem corriqueira, do dia a dia, e a narrativa, presente nas histórias literárias e na poesia, destacando que nos tempos atuais, o veículo concreto da linguagem narrativa é o livro e:

Em relação à infância, por exemplo, esta é a sua função principal. E o adulto tem um papel importante, pois é ele quem reconstitui as narrativas escritas através de sua voz, de sua leitura e da apresentação das ilustrações. Ele significa assim, para as crianças, a escrita e as imagens, acompanhando-as no contato com conteúdos e imagens que são para elas desconhecidos, impressionantes e até inquietantes.

A interação entre a mãe e o bebê na leitura, quando esta está na posição de entender o bebê também como leitor, ou seja, dando espaço que ele se expresse em sua leitura, ouvindo suas palavras ou balbucios, atentando-se para os gestos, seus olhares e movimentos corporais, de enrijecimento ou não dos membros, de agitação, suspiros, promove o vínculo entre ambos, a partir do momento que mãe e bebê se comunicam e se leem por meio da leitura literária. A potencialidade do livro de literatura para bebês é justamente a potencialidade de um livro de literatura, que apresenta mundos, abre diálogo com diferentes experiências, e promove o contato com a subjetividade. Livros endereçados para os bebês que não possuem essas características são livros para bebês, mas não literatura para bebês. É importante fazer essa distinção entre esses dois tipos de livro, pois um abre espaço para a subjetividade, com suas potências, enquanto o outro se encerra em si.

A narrativa apresentada no livro, ao permitir o diálogo com o outro que empresta a voz, é estruturante para o bebê, por trazer o ritmo dos acontecimentos, no virar das páginas, um tempo que se inicia ao abrir a primeira capa do livro e se encerra ao fechar a última. O livro, em sua materialidade, construído com dois papelões, folhas dobradas e costuradas, permite no seu abrir a instauração de um tempo narrativo, que se abre para a subjetividade e isola a realidade momentânea. Além da leitura do que está inscrito em suas folhas, narrado por textos verbais ou visuais, o livro permite a leitura dos gestos de quem o manipula, da dupla mãe e bebê. O virar das páginas, junto ao olhar para o objeto e para quem lê, são imbuídos de significados. Michel Melot (2012), um dos principais pesquisadores da atualidade sobre o livro, diz que este é como uma extensão do corpo, quase um objeto transicional. E que a leitura não consiste apenas em ação dos lábios e do olhar, mas em um gestual.

No livro de literatura para bebês, o tempo da narrativa pode ser o da leitura do livro todo ou de uma página, o que vai depender do ritmo de leitura orquestrado pelo bebê junto com o adulto de referência. Segundo Baptista (2017, p. 66), “na medida em que participa de eventos de letramento literário, a criança, ainda bebê, torna-se capaz de compreender que a narrativa se constrói por meio de eventos interligados uns aos outros, com fatos que se sucedem, que apresentam um início, um meio e um fim”. Apresentaremos a seguir e analisaremos quatro títulos que possuem características que entendemos como potencializadoras do ato leitor do bebê ...

Figura 2. Capa



Fonte: As autoras (2025)

O livro *O que tem aí?* é de autoria da Rosinha, autora pernambucana ganhadora de diversos prêmios nacionais e internacionais, entre eles o Jabuti, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e participante da Mostra Internacional de Bratislava, publicado em 2019. Essa é sua primeira produção endereçada primeiramente ao bebê.

Na capa vemos um passarinho olhando para frente e o título: “O que tem aí?”, seguido do nome da autora. Na quarta capa, temos o texto que indaga o leitor de forma direta: “E você, sabe o que tem aí?”, com a ilustração de vários animais olhando para o leitor também. O livro tem o formato 19 x 15,5 cm, com capa dura e bordas arredondadas, enquanto no miolo o papel tem uma gramatura de 250g e abas. Essas características são pensadas na produção do livro e influenciará na experiência literária do leitor bebê.

Assim, o edital do PNLD 2022, ao padronizar todos os tamanhos dos livros, fazendo com que os livros sejam adaptados a um formato, com acabamento em grampo e um único tipo de papel e gramatura, de 80g, ignora que um livro de literatura não é feito apenas de texto verbal, e que todas as suas partes - ilustração, projeto gráfico, formato, acabamento e papel - fazem são elementos constitutivos da literatura infantil. Para o pesquisador de livro ilustrado e autor Odilon Moraes (2022),

Quando falamos de livro ilustrado, o conteúdo não é só abstrato, da literatura. O livro, em si, faz parte dessa história. Então, o modo como você desenha, como as páginas são cortadas, como o livro abre, se abre para cima ou para baixo, tudo isso faz parte dessa literatura. [...] O tamanho da letra importa. Mas importa a ponto de mudar o que está sendo dito. Algo que geralmente é menos perceptível, em certo grau, em uma literatura tradicional, mas, no livro ilustrado, qualquer aspecto material está dentro do que está sendo dito.

As guardas do livro são amarelas e há novamente a pergunta no rosto: O que tem aí?. Na dupla seguinte, há um passarinho lilás olhando para a direita, onde vemos, num fundo lilás, a pergunta: “Passarinho lilás, o que tem aí?” Ao abrir a aba da página, temos escondido um jacaré, olhando para o passarinho, e o texto verbal: “1 jacaré amarelo tocando flautim”. A narrativa é construída numa brincadeira de cadê-achou, a partir dos recursos das abas, que escondem a resposta de cada pergunta e o animal seguinte. Esta brincadeira é de grande importância para o desenvolvimento infantil dos bebês, para a compreensão de que um objeto ou pessoa que não está a sua vista não deixa de existir.

Figura 3. dupla de páginas com a aba fechada



Fonte: As autoras (2025)

Figura 4. dupla de páginas com a aba aberta



Fonte: As autoras (2025)

O livro segue numa progressão numérica com rimas, números e cores. No entanto, esses conteúdos não são o foco principal da narrativa, apesar de estar inserida nelas. E é justamente isso que diferencia este livro como literatura, contemplando em sua construção narrativa, por meio do texto verbal e das imagens, características estéticas que inserem o bebê no jogo leitor, trazendo rimas, ilustrações de animais que provocam o estético e não apenas reproduzem a realidade, como um jacaré amarelo, um dinossauro azul, um tigre rosa, além de bichos imaginários, como um bicho-papão e um lobo-mau turquesa.

Ao contrário do proposto no edital do PNLD 2022 em que os livros para bebês devem conter “vocabulário familiar às crianças”, o livro *O que tem aí?* contempla os diversos vocabulários do país, afinal, não existe uma criança, mas diversas crianças de diversas realidades sociais e econômicas e de diversas regiões do país. Palavras como “botim”, “xinxim”, “flautim” podem não ser do vocabulário de crianças da região sul, mas são comuns de crianças das regiões norte e nordeste. A riqueza da literatura está justamente em apresentar o novo, contextualizado neste livro na construção das rimas e da narrativa.

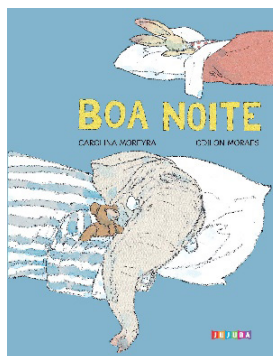
As cores do livro foram escolhidas pela autora como elementos fundamentais para a brincadeira estabelecida na narrativa, provocando o olhar e a brincadeira. No livro de literatura infantil contemporâneo, a ilustração não está à serviço do texto verbal, mas sim compõe junto com ele a narrativa. Para a autora Rosinha (2022):

A cultura popular e a brincadeira sempre estiveram muito presentes no meu trabalho, junto com a crença da importância que esses temas têm na minha vida e nos livros que faço. Talvez isso tenha me aproximado tanto do livro para bebês. Fazer livro para criança pequena sempre foi minha preferência exatamente pela possibilidade de encarar o livro como esse lugar explícito para a brincadeira e para o jogo. Entendo que fazer livro para um leitor tão especial é trazer a síntese, é transformar a relação do bebê com a linguagem em brincadeira, jogo e narrativa. É trazer para o livro ludicidade e experiência estética e literária, com o intuito de interagir com o leitor e não de ensinar.

Na história, temos também do bicho-papão ouvindo Jobim, numa alusão ao Antonio Carlos Jobim, importante cantor e compositor da bossa-nova. Este elemento narrativo pode ser uma interlocução com o adulto, se esta for uma referência na sua vida, ou não, da mesma maneira que acontece com o bebê, a partir das suas experiências. Se viver em uma família em que este compositor faz parte da sua cultura, poderá fazer sentido para ele, assim como as palavras

mencionadas, do contrário, é a sonoridade dada pela rima na brincadeira que prevalece. Ao final do livro, o passarinho lilás aparece olhando para frente, como na capa, com a pergunta na página da direita: E agora, passarinho lilás, o que tem aí? Ao abrir a aba da página, estão todos os animais que apareceram na história, olhando para o leitor.

Figura 5. Capa



Fonte: As autoras (2025)

O próximo título é o *Boa noite*, dos autores Carolina Moreyra e Odilon Moraes, importantes autores e pesquisadores de livro ilustrado. O livro é no formato 15 x 18,5 cm, com capa dura e bordas arredondadas, gramatura de papel de miolo 300g, couche, com 24 páginas.

Na capa, vemos o desenho de uma coelhinha dormindo numa cama, com a cabeça virada para o fundo da capa. Centralizada na capa, o título e os nomes dos autores. Abaixo, um elefante, deitado dormindo numa cama, com a cabeça virada para frente. As ilustrações são coloridas em tons pastéis, como a cor de fundo da capa. O livro foi desenhado por Moraes e colorido digitalmente pelo artista Maurício Paraguassu. Segundo Moraes (2022), este trabalho de colorização foi feito junto com o Paraguassu porque ele queria chegar em uma paleta de cores que desse um ar antigo, nas cores e no traço, dialogando com o projeto gráfico e narrativa. Para isso, os artistas selecionaram revistas para crianças do começo do século XX e alguns livros, escanearam as imagens, selecionando as cores e formando uma paleta, com as quais coloriram digitalmente, simulando a aquarela. No edital do PNLD 2022, no entanto, temos a exigência de “ilustrações vivas, atrativas e adequadas”, o que infere que as crianças pequenas gostam apenas de cores fortes e contrastantes, a quem não se deve apresentar diversidades estéticas. As guardas do livro são do mesmo tom que a capa. Na primeira dupla de páginas com ilustrações, temos com fundo branco e tons pastéis a coelhinha sentada no sofá lendo um livro e a cabeça do elefante aparecendo na porta, com o texto: “Chegou a hora de Bia e o Elefante irem dormir”. Na página em que o elefante aparece, o texto, com travessão, indica que é ele quem está chamando a Bia: “– Vamos nos arrumar?”. Na dupla seguinte, temos a imagem do sofá em que a Bia estava deitada sem nenhum texto e na página ao lado, a Bia em pé, com o livro na mão, acenando para o sofá, ao lado do Elefante, que parece estar caminhando, com o texto abaixo: - “Boa noite, sofá. Boa noite, almofadas”.

De acordo com o edital, em um livro para essa faixa etária, cada página deve ter uma linha de texto, de três a seis palavras, desconsiderando que no livro literário ilustrado todos os elementos compõem as páginas com uma intenção dos autores, editores, designers e demais envolvidos na produção. O fato de não ter texto verbal na página da esquerda não indica que não há uma ação., mas o oposto: ausência de texto verbal da página da esquerda narra, da página anterior para essa, numa passagem de tempo, que a Bia se levantou, pegou seu livro, caminhou para perto do Elefante e se despediu do sofá. Não é necessário narrar essa cena com palavras, pois ela está sendo narrada pela imagem e lida pelo bebê.

A pesquisadora Daniela Gutfreund (2022, p. 33) diz que os livros ilustrados reiteram a participação ativa do leitor, gerando conteúdo nos espaços deixados pelo autor, tanto na narrativa como no virar das páginas, levantando hipóteses, comprovando-as ou descartando-as. E continua: “A suspensão do ‘estar entre páginas’ não apenas dá ritmo ao livro, mas proporciona o tempo necessário ao leitor para a decantação do que foi, até então, apreendido”.

Figura 6. páginas 6 e 7



— BOA NOITE, SOFÁ. BOA NOITE, ALMOFADAS.

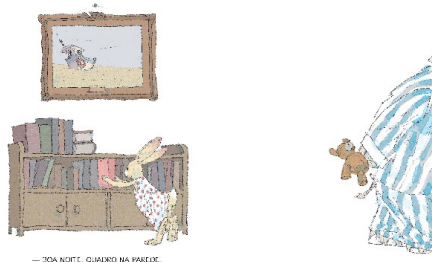
Fonte: As autoras (2025)

A página do sofá está sem texto verbal com o objetivo de demonstrar na narrativa que a Bia está se despedindo de cada objeto da casa e os deixando, num ritual para a hora de dormir.

Dentro do livro ilustrado, cada elemento está em um determinado lugar da página para compor a narrativa, e não ao acaso, assim como a escolha do formato, do papel, da gramatura. Tudo no livro ilustrado é texto. A Bia, então, cumpre pequenos rituais para se preparar para a hora de dormir, que são indicadas pela voz do narrador, que poderia também ser de um adulto, como colocar o pijama, escovar os dentes, guardar o livro, enquanto vai se despedindo de cada objeto da casa.

Na dupla de páginas 12 e 13, em que a Bia está guardando o livro e há apenas metade do elefante na ilustração, este corte também é intencional, mostrando o movimento do Elefante que já está saindo da cena para ir para outra, enquanto a Bia ainda está na cena. Os elementos dos quais a Bia se despede provocam o leitor adulto a se aproximar do olhar da criança: a Bia poderia se despedir da pia ou da banheira, mas se despede dos peixinhos desenhados na cortina. É o olhar da criança que surge na personagem e surpreende o adulto.

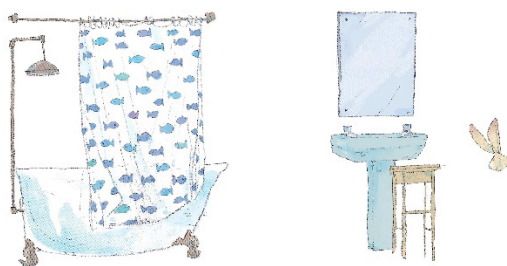
Figura 7. páginas 12 e 13



— BOA NOITE, QUADRO NA PAREDE.

Fonte: As autoras (2025)

Figura 8. páginas 16 e 17



— BOA NOITE, PEIXINHOS. BOA NOITE, PIA.

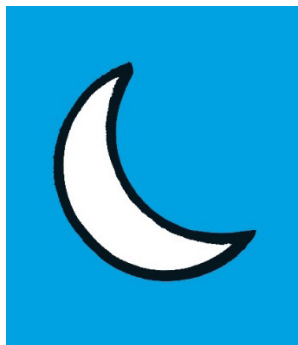
Fonte: As autoras (2025)

Ao final da narrativa, quando a Bia e o Elefante já estão dormindo, o texto verbal “Boa noite, Bia. Boa noite, Elefante.” fecha a história tanto para os personagens, quanto para o leitor, em um

convite para dormir. As guardas finais são azuis, como as primeiras, dialogando com a primeira e última capa.

O último livro que analisaremos é o Dia de Lua, do Renato Moriconi, ganhador do Bologna Ragazzi Award 2024, de melhor livro da categoria bebê (*Toddlers*), além de configurar na lista dos 30 Melhores livros do Ano da Revista Crescer 2024

Figura 9. Capa



Fonte: As autoras (2025)

A capa do livro apresenta um fundo azul e a forma de uma lua, vazada em branco. Diferentemente do que os leitores encontram nas capas dos livros, esta não apresenta o título, a autoria e o nome da editora. Na quarta capa, lemos a pergunta: O que faz a Lua durante o dia?

O livro tem o formato 20,5 x 23,5 cm, capa dura com bordas arredondadas e miolo em off-set 250g. As primeiras guardas são pretas, indicando a noite, onde em geral a lua aparece. Na dupla seguinte, em azul, temos o nome do autor, o desenho da lua, mas agora contornada em azul, o título e nome da editora. Na próxima dupla, o texto: “Ainda era dia quando a lua apareceu”. E segue a narrativa, contando que, como não precisava iluminar nada, a lua resolve ir à praia, ajudar o pescador, fingir ser um arco-íris e fazer outras ações. O livro é composto em azul, preto e branco, sem rima e repetição de palavras, em uma brincadeira de a lua se transformar em outras coisas, como rede de deitar, vela do remador, arco-íris, guarda-chuva eetc. O texto verbal traz vocabulários como “bumerangue”, “paraquedas”, “exibir” e outros, brincando com os sentidos das palavras e das imagens.

Figura 10. páginas 6 e 7



Fonte: As autoras (2025)

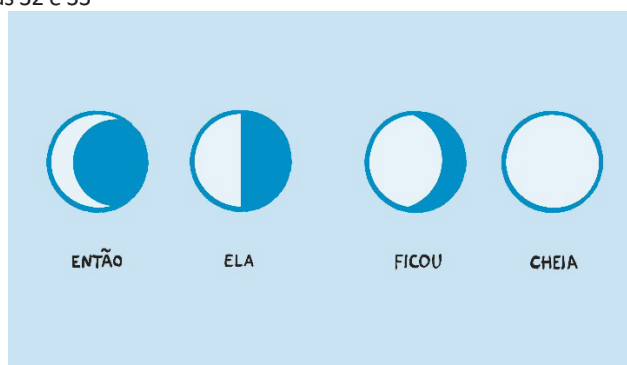
Figura 11. páginas 24 e 25



Fonte: As autoras (2025)

Depois de se transformar em outras coisas, a lua, então, olhou para um lado e olhou para o outro. Nesta dupla de páginas, há a imagem da lua no quarto crescente na página da esquerda e o texto “olhou para um lado” na página da direita. Na seguinte, há a imagem da lua no quarto minguante, novamente na página da esquerda, e o texto “olhou para o outro” na direita. As imagens do quarto crescente e quarto minguante remetem aos olhos, olhando para um lado e para o outro. Na dupla seguinte, na página da esquerda está o texto verbal: “Viu que ninguém prestava a atenção nela durante o dia” e na página da direita a lua inclinada para baixo, como se estivesse triste. Na sequência seguinte, o texto verbal está fragmentando, com uma palavra embaixo de cada imagem da lua, mostrando suas fases, até que ela fica cheia, com a ambiguidade da lua que entra na fase de lua cheia e com o sentido de estar irritada.

Figura 12. páginas 32 e 33



Fonte: As autoras (2025)

Na dupla seguinte, o texto verbal está centralizado na dupla, quando a lua então resolve esconder o sol. E na seguinte, temos duas páginas pretas, sem texto verbal, com a lua na frente do sol, mostrando apenas seus raios. Na sequência, o texto: “E chamou a atenção de todo mundo”, com a mesma imagem da dupla anterior, agora com o texto verbal. Na próxima dupla, temos as páginas em preto, mas agora com a lua virada para cima, como um sorriso, finalizando a narrativa.

Esta narrativa alcança diversas camadas de leitura, como toda a literatura, por isso a nossa afirmação de que os livros de literatura para bebês são livros que os incluem como leitores, mas não excluem os demais. Segundo o júri do prêmio BRAW 2024, formado por especialistas e pesquisadores de livros do mundo (Bologna Childrens Book Fair, 2024, tradução nossa):

Prestando muita atenção a cada detalhe gráfico, desde a capa sem título e os cantos arredondados até a escolha do papel e a elegante paleta de três cores, este livro editorialmente excelente celebra a lua – uma favorita atemporal na literatura e na infância [...]. Com uma mistura de elementos e a criatividade visionária de páginas esparsas e essenciais, a pureza do design gráfico do livro encanta os leitores nessa jornada diurna/lunar executada com maestria.³

As características exaltadas pela premiação vão em sentido contrário às premissas do edital do PNLD Literário 2022, que não consideram a potencialidade dos livros de literatura para bebês, sem compreender que texto verbal, texto visual, projeto gráfico, a escolha das cores, formato e papel configuram a literatura infantil. A literatura para bebês não é a que simplifica, ao contrário,

³ Paying close attention to every graphic detail, from the untitled cover and rounded corners to choice of paper and elegant three-colour palette, this editorially excellent book celebrates the moon – a timeless favourite in literature and childhood. Renato Moriconi’s consistently divergent, surprising, and brilliant narrative perspective is that the moon is free to appear at any time of day. Indeed, by day it takes on alternative roles to lighting up the sky. A playful shape-shifter, the moon transforms into a hammock, a sail, an umbrella (sheltering a diver from rain), a parachute, a rhinoceros horn for a zebra, even the tail of a train. A little envious of the sun, one night the moon decides to cover the sun’s disc in an eclipse to triumphantly don its rays. With an impish mix of elements and the visionary creativity of sparse and essential pages, the purity of the book’s graphic design enthralls readers on this masterfully executed daytime/lunar journey.

como toda literatura, é a que instiga, provoca perguntas, desloca, apresenta camadas de leituras que promovem diálogo entre seus leitores, o bebê e mãe o adulto de referência.

Considerações finais

Conclui-se que o livro para bebês tem impacto positivo para o desenvolvimento dos bebês a partir do diálogo que o literário propõe entre o bebê e o adulto de referência. A partir do que foi apresentado, podemos sugerir que a literatura para bebês que utiliza o suporte livro só existe quando há uma narrativa que suporta a somatória dos elementos verbais e visuais que abrem para o estético e subjetivo mais a materialidade, possibilitando o encontro entre os dois leitores, o leitor bebê e o leitor adulto. A literatura para bebês não pode ser conjugada a partir da quantidade de palavras, temática e extensão e como material preparatório para a alfabetização. O bebê, além dos cuidados físicos, precisa do contato com o subjetivo, expresso pela comunicação corpórea e com a comunicação sensível entre ele e o adulto. Assim, exigir políticas públicas que façam valer os direitos à cultura garantidos pela Constituição é dever de cada cidadão.

Referências

BAPTISTA, Mônica Correia. A leitura, a literatura infantil e os bebês. *In*: LIMA, Érica; FARIAS, Fabíola; LOPES, Raquel. **As crianças e os livros**: reflexões sobre a leitura na primeira infância. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2017.

BAPTISTA, Mônica Correia; PETROVITCH, Camila; PARREIRA, Mariana Lara do Amaral. (2021). Livros de literatura para a primeira infância: a questão da qualidade. **Revista Electrónica Leer, Escribir y Descubrir**. Disponível em: <https://digitalcommons.fiu.edu/led/vol1/iss8/2>. Acesso em: 01 de jul. 2024.

BOLOGNA CHILDREN BOOK FAIR, 2024. **Toddlers 2024**. Disponível em: <https://www.bolognachildrenbookfair.com/en/awards/bolognaragazzi-awards/bolognaragazzi-awards-all-the-2024-winners/toddler-2024/13255.html>. Acesso em: 14 de ago. 2024.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil: Promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Presidência da República.

BRASIL. Ministério da Educação. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da educação**. Edital de Convocação n.02/2020 – CGPLI.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura, *In*: **Vários escritos**. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2011.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2003.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. SP: Global, 2007.

FRIEDMAN, Adriana. **Linguagens e culturas infantis**. São Paulo: Cortez, 2013.

GUTFREUND, Daniela. **O branco e a virada da página**: o silêncio no livro-álbum. Dissertação (mestrado em design). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2022.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 5 ed. São Paulo, 2020.

HECKMAN, James. (2008). **The Case for Investing in Disadvantaged Young Children**. Disponível em: <https://ideas.repec.org/a/ces/ifodic/v6y2008i02p3-8.html>. Acesso em: 26 de jul. 2024.

LEITE, Patricia Pereira Leite. (2014) **Ler histórias para os bebês?**. Disponível em: <https://emilia.org.br/ler-historias-para-os-bebes-2/>. Acesso em: 26 de jul. 2024.

LÓPEZ, Maria Emília. **Um mundo aberto: cultura e primeira infância**. São Paulo: Solisluna e Selo Emília, 2018.

MELOT, Michel. **Livro**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

MORAES, Odilon. **Vivemos a época do livro ilustrado**, 2022. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/BlogPost/6402/odilon-moraes-vivemos-a-epoca-de-ouro-do-livro-ilustrado>. Acesso em: 01 jul. 2024.

MOREYRA, Carolina; MORAES, Odilon. **Boa noite**. São Paulo: Jujuba Editora, 2022.

MORICONI, Renato. **Dia de lua**. São Paulo: Jujuba Editora, 2023.

NUNES, Maria Fernanda Rezende; BAPTISTA, Mônica Correia; CORSINO, Patrícia. (2023). Projeto leitura e escrita na educação infantil: contribuições para uma política de formação. **Revista Brasileira de Alfabetização**. Disponível em: <https://doi.org/10.47249/rba2023723>. Acesso em: 01 de jul. 2024.

PARRA, Evelio-Cabrejo. (2001) **La lectura comienza antes de los textos escritos**. Disponível em: https://www.cobdc.net/12JCD/wp-content/materials/SALA_E/CABREJO_lectura_comienza.pdf. Acesso em: 01 de jul. 2024.

REYES, Yolanda. **La lectura em la primeira infância. Documento de Trabajo**. Elaborado e solicitud del Centro Regional para el Fomento del Libro em América Latina y el Caribe - CERLAC.

FEDATTO, Carolina; FARIAS, Fabiola; DAHER, Juliana. **Primeiras leituras: arte e cultura na primeira infância**. Belo Horizonte: Ed. das Organizadoras, 2022.

ROSINHA. **O que tem aí?** São Paulo: Jujuba Editora, 2019.

SANJUÁN, Beatriz. **Era uma vez uma voz: o primeiro livro do bebê**. São Paulo: Livros da Matriz, 2023.

SARMENTO, Manuel Jacinto. (2003). Imaginários e culturas das infâncias". **Revista Cadernos de Educação**. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/educacao/article/view/6119>. Acesso em: 01 de jul. 2024.

WINNICOTT, Donald. **Bebê e suas mães**. São Paulo: Ubu, 2020.

Recebido em: 15 de junho de 2025
Aceito em: 09 de setembro de 2025